"UM EXERCÍCIO CÊNICO"

CITAÇÕES DE: BECKETT, IONESCO, CORTÁZAR, ARNALDO ANTUNES, DRUMMOND, JOHN LENNON, YOKO ONO, ROLAND BARTHES, LAURIE ANDERSON...

GRUPO DE TEATRO

TANAHORA / PUC.

CURITIBA.

TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO E DIREÇÃO:

SERGIO PIZOLI

CENA AO AR LIVRE - FORA DO TEATRO.

ARIADNE: ACENDE-SE TOCHA DE FOGO.

Na surda solenidade das galerias do labirinto
Seu testo será o mais vermelho
De um vermelho denso de sombra
E como duas luas inimigas efestam-se
Os cornos luminosos.

Envolto no silêncio vacuum
Que ordenou seu amargo crescimento
Passeará com os braços cruzados sobre o peito
Mugindo lento.
Ou falará.

Oh! Seus escondidos monólogos de palácio
Que os soldados ouviam assombrados sem entender.
Seu repetido recitar de marulhos.
Seu gosto pela nomenclatura dos céus e das ervas.

Estas ervas, comia-as pensativo
E nomeava-as com delícia
Como se o gosto lhe revelasse o nome...

Enumerava o toldo sagrado dos astros
E com o nascer do novo dia desastre
Tudo esquecia,
Como se em sua memória
A manhã apagasse as estrelas.
Na noite seguinte instaurava prazeiroso nova nomenclatura

Ah! Ordenar o espalo sonoro
Em efêmeras constelações.

Não saberei jamais porque sua prisão
Acelera em mim as máquinas do medo.

Talvêz porque compreenci que estava envolto
Numa existência alheia ao homem.

Os irmão parecem menos homens e menos vivos
São imagens coladas as nossas
Apenas livres.

Dói dizer irmão: E é tão pouco o anoitecer sujo da minha mãe.

E é tão pouco o anoitecer sujo de minha mãe!

Minotauro, não quero falar de nossa mãe,
Passifae.

Alguem marcha contra você
Enquanto diminue, vacila, rola em minhas mãos o novelo
E cachorro brinca...

Os olhos de Teseu olharam-me com ternura
Ao entrar no labirinto:
"Coisa de mulher o novelo,
Jamais sairia sem sua astúcia"

Porque o labirinto é caminho só de ida
E não sabe da noturna espera
Do conflito entre amor e liberdade.

Ah! Habitantes destes muros!
E o horror ao notável
Ao que não é imediato, e possível, e aprovado.
Faculme o triunfo da nave, das bodas.
Tudo tão claro e tão negro.

Ao seu lado eu era lacteo ponto
Turvo na claridade da esmeralda.

Então ordenei as palavras de sombra:
"Se falar com elé,
Diz-lhe que este fio foi Ariadne quem lhe deu."
Saiu sem mais perguntas
Segura de minha soberba
Pronto a satisfazê-la.

Se falar com ele
Diz-lhe que este fio foi Ariadne que lhe deu.

Minotauro cabela de relâmpagos vermelhos
Vê como ele lhe leva a libertação,
Como póe entre suas mãos a chave
Com que o fará em pedaços.

O novelo é pequeno
E gira agora veloz.

Do labirinto sobe um som de fogo
De tambor parado.

Passos, gritos, ecos de luta confundem-se
No murmúrio uniforme de um mar espesso.

Espanto, agasta estas azas teimosas!
Cede lugar a meu secreto amor.
Vem meu irmão, Vem meu amanto
Surge da profundidade que nunca ousei me salvar.
Da profundeza que o amor me derruba.

Brota junto ao fio
Que lhe leva o insensato,
Emerge
E vem a mim, filho de Passifae.
Vestido de sangue nú e vermelho

Vem à filha da rainha
Sedenta de seu beilos murmurosos.

O novelo parou!

(SE DIRIGE PARA DENTRO DO TEATRO,

RÊCITA

Joãozinho e Maria estão juntos
Eles vivem em Berlim
Ela serve cocktail num bar
Ele faz uma ponta num filme do Fassbinder
E rodam noite adentro
Bebendo cachaça e gin
e ela diz:- Jão você tá me consumindo cara!
Ele diz:- Maria você é uma puta sabia e diz,
Desperdicei minha vida nesta estória estúpida,
quando meu verdadeiro e único amor era a bruxa má e imoral
e ela diz:- o que é a estória?
Estória é um anjo arrastado,o rosto voltado para o passado e,
diz: a estória é acumular ruínas. O anjo quer parar,
arrumar, reconstruir o construido,
Mas uma tempestade sopra do paraíso,
e a tempestade arrasta o anjo de costas,
para o futuro.
E a tempestade ,
a tempestade ,
chama-se pro-gres-so .

MÚSICA: CANARINHOS DO BRASIL, ENTRA MENININHA E RECITA:

Todo mundo quer amor , do Arnaldo Antunes

Todo mundo quer amor
todo mundo quer amor de verdade.
Uma pessoa boa quer amor.
Uma pessoa má quer amor,
Quer amor de verdade.

Quem tem medo, quer amor
Quem tem fome, quer amor
Quem tem frio, quer amor
Quem tem pinto, saco, boca, bunda,
cú, buceta, quer amor

Ele quer
Ela quer
Ele quer
Ela quer
Todo mundo quer amor de verdade!

(Aplausos)

Entra um ator e diz:

Ele- Eu te amo: a,
ante,
até,
após,
com,
contra,
em,
entre,
de,
desde,
para,
perante,
tudo e todos
Num grão- final
plantado nú.

Ela- Eu te amo: a,
ante,
até,
após,
com,
contra,
em,
entre,
de,
desde,
para,
perante,
tudo e todos.
Num grão-final
plantada nua.

(Entra música e os atores se despem, e se olham até o final da música)

ELE-"Eu te amo"quer dizer"eu te amo" passada a primeira confissão "eu te amo" não quer dizer mais nada. Eu não poderia decompor a expressão sem rir;tem "eu" de um lado, "você" do outro e no meio um elo de ligação racional(visto ser lexical) Mas é falada como uma palavra única, em bloco euteamo-tudo junto.
Resisto a fazer o outro passar por uma sintaxe; nunca digo eu o amo.
"Eu te amo" não tem empregos. Pode ser uma palavra sublime,solene, frívola pode ser uma palavra erótica, pornográfica.
"Eu te amo" dispensa explicações: dizer eu te amo é fazer como se não existisse nenhum teatro da fala e é sempre uma palavra verdadeira.
"Eu te amo" não é metáfora de nada.
Embora seja dito milhões de vezes,"eu te amo" não está no Aurélio,nem em qualquer outro dicionário.
No falar "eu te amo" o desejo não é reprimido, nem reconhecido, mas simplesmente gozado. O gozo não se diz. Mas ele fala e diz: eu te amo.
Fantasio o impossível: que nossos falares sejam ditos ao mesmo tempo; que um não suceda ao outro, como se dependesse dele. Que sejam um clarão único, união de duas forças.
Ouvir a resposta "eu te amo" não é apenas saber-se amado: é receber a fórmula do amor como uma chicotada em cheio.
O que importa é o falar físico, corporal, labial da palavra: abre seus lábios e que isso sai daí: Sê obsceno!
O que quero desesperadamente é ouvir a palavra...
Mágica? Mítica? Não importa. Uma coisa importa: fala eu te amo.

ELA: Eu não te amo mais. (Entra música)

ELA: Se esta noite desejo morrer é porque já não te amo.
Estou desesperada por isto... queria estar velha e ter dedicado toda minha vida a você. Queria não existir porque não te amo mais.
Vê este foi o pensamento que me veio a cabeça enquanto você se embebedava.

ELE: Se voce fala assim, se quer realmente morrer, é sinal que ainda me ama.

ELA: Não, é só piedade.

ELE: Não lhe dei nada. Não dei conta de nada. Desperdicei, continuo desperdiçando minha vida à toa como um estúpido. Recebendo sem dar, ou sem dar o suficiente. Talvez valho pouco, se é isto que quer dizer, tem razão.

ELA: Eu passava tardes inteiras sentada na cama lendo. Tantos livros não me me serviram prá nada. Duzentas páginas por dia. Eu era rápida.

ELE: Não te dei nada. É curioso que só agora me dou conta de que aquilo que se dá aos outros, termina por beneficiar a si próprio.

ELA: Pelo que a música espera? Que amanheça um dia diferente só porque ela to ca?

Ele: Chega de palavras. Vamos nos agarrar a algo firme, sólido. Algo bom. Eu

te amo, te quero. É isso. Estou convencido de que te amo. Droga, o que é que estou dizendo? Vamos para casa.

ELA: (Ela recua e começa a ler uma carta) Esta manhã você dormia quando acordei. Senti sua respiração leve e através dos cabelos que escondiam seu rosto, vi seus olhos fechados, e senti que a emoção me subia a garganta. Tive vontade de gritar e de acordar voce porque seu cansaço era profundo e mortal.

No escuro a pele de seus braços e pescoço estava pálida, senti vontade de roçar meus lábios nela, mas o pensamento de perturbar seu sono e de acordar voce em meus braços me detinha, preferia ver voce assim, ninguém podia podia tirar voce de mim, porque eu era o único que possuia uma imagem sua para sempre. Em seu rosto via algo mais puro e mais profundo e nele me refletia. Via voce em uma dimensão que compreendia toda minha vida, todos os meus anos futuros e, também os que havia vivido antes de conhecer voce, mas já destinados a lhe encontrar.

Este era um pequeno milagre, de um despertar. Sentir pela primeira vez que voce me pertencia, não somente durante aquele momento, mas que a noite se prolongava para sempre junto de voce, no calor de seu sangue, nos seus pensamentos, na sua vontade que se confundia com a minha.

Por um instante compreendi o quanto a amava e foi uma sensação tão intensa que meus olhos se encheram de lágrimas. Era porque pensava que isto não devia acabar nunca, que toda nossa vida seria que ser para mim como o despertar dessa manhã, sentir você não somente minha mas parte de mim, uma coisa que respira comigo, que nada poderá destruir, a não ser perigosa ameaça do hábito do dia a dia.

E logo voce acordou e sorriu, nos beijamos e senti que não devia temer nada, que nós estaríamos sempre como naquele momento, unidos por algo que é mais forte que o tempo e o hábito.

ELE: De quem é essa carta?

ELA: É sua.

ELE: (Se aproxima para beijá-la)

ELA: Não, não. Eu já não te amo mais, eu não te amo.

ELE: Cala a boca.

ELA: Não, voce também já não me ama, diz que não me ama, diz!

ELE: Cala a boca.

(Entra a música. Os dois ficam estáticos. No final...)

ELE: Cala a boca.

ESPELHO

EM VEZ DE ESPELHO, (ENTRA PELA PLATÉIA)

DESCOLE PESSOAS: OLHE-SE,

USE

PESSOAS DIFERENTES: MAGRAS,

VELHAS,

NOVAS,

BAIXAS...

E

AMIGAS

Estragon- Vladimir!!
Vladimir- O quê?
Estragon- Você está aí?
Vladimir- A muito tempo.
Estragon- Fazendo o quê?
Vladimir- Esperando.
Estragon- Quem?
Vladimir- Godot.
Estragon- E ele vem?
Vladimir- Ele disse que vinha.
Estragon- Mas o quê vamos fazer agora?
Vladimir- Esperar. (Tempo)
Estragon- Vladimir!
Vladimir- O quê Estragon?
Estragon- Você está dormindo?
Vladimir- Por quê?
Estragon- Não dorme... eu tenho medo... Medo de ficar sòzinho.
Vladimir- Eu estou aqui, não estou? (Tempo)
Estragon- Vamos embora.
Vladimir- Não podemos.
Estragon- Por quê?
Vladimir- Temos que esperar.
Estragon- Quem?
Vladimir- Godot.
Estragon- E ele vem?
Vladimir- Ele disse que vinha.

Estragon- Mas o que vamos fazer agora?
Vladimir- Esperar... (Tempo)
Estragon- Você acha que Deus me vê?
Vladimir- Basta fechar os olhos.
(os dois fecham os olhos) música

senhora e o senhor Martin sentam-se diante um do outro sem falar. Sorriem com imidez.

Martin - Desculpe-me, minha senhora, mas, se mão me engano, parece-me que já a encontrei nalgum lugar.

Martin - A mim também, senhor. Parece-me que já o encontrei nalgum lugar.

Martin - Não a teria encontrado, minha senhora, na cidade de Morretes, por acaso?

Martin - É muito possível, eu sou natural da cidade de Morretes, mas não me lembro muito bem, senhor; não poderia dizer se foi lá ou não que o vi?

Martim - Meu Deus, que curioso, também sou natural da cidade de Morretes!

Martin - Que curioso!

Martim - Que curioso! Deixei a cidade de Morretes há cinco semanas mais ou menos.

Martim - Que curioso e que estranha coincidência! Eu também, senhor, deixei a cidade de Morretes há cinco semanas mais ou menos.

Martin - Vim no trem das 8 e 30 da manhã, que chega a Curitiba às 4 e 45, minha senhora.

martin - Que curioso! que estranho! e que coincidência! Eu também vim no mesmo trem.

Martin - Meu Deus, que curioso! Talvez então, minha senhora , eu a tenha visto no trem.

Martin - É bem possivel, é muito possível, é mesmo plausível e afinal de contas por que não?... Mas não me lembro.

Martim - Eu viajava em 2a. classe, minha senhora. Não existe 2ª classe no Estado, mas mesmo assim eu viajo em 2ª classe.

Martin - Que estranho, que curioso, e que coinciência! Também eu, senhor, viajava em 2ª classe!

Martin - Que curioso! talvez nos tenhamos encontrado na 2ª classe, cara senhora!

Martin - Isso é bem possível, mas não me lembro, caro senhor!

Martin - O meu lugar era na poltrona nº 8, sexto compartimento, minha senhora

Martin - Que curioso! O meu lugar também era na poltrona nº 8, sexto compartimento, caro senhor.

Martin - Que crioso! e que coincidência! Talves nos tenhamos encontrado no 6º compartimento, cara senhora!

martin - Isso é muito possível, afinal de contas, mas eu não me lembro, caro senhor.

Martin - Para dizer a verdade, cara senhora, eu não me lembro, mas é possível que nos tenhamos visto nessa ocasião e, pensando bem, a coisa parece-me possível.

Martin - Oh! Está claro, evidentemente, senhor!

Martin - Que curioso, eu ocupava o lugar nº 3 perto da janela, cara senhora.

Martin- Oh! Meu Deus, que curioso, que estranho, eu ocupava o lugar nº 6, perto da janela na sua frente, caro senhor.

Martin - Oh! Meu Deus, que curioso e que coincidência, nós estávamos então face a face, cara senhora. Foi talvez lá que nos encontrámos.

Martin - Que curioso. É possível, mas eu não me lembro.

Martin - para dizer a verdade, eu também não me lembro, cara senhora. No entanto, é possível que nos tenhamos visto nessa ocasião.

Martin - É verdade, mas não estou certa disso, senhor.

Martin - Não teria sido a senhora quem me pediu para colocar uma mala no porta-bagagem, em seguida agradeceu e me permitiu que fumasse?

Martin - Sim, devo ter sido eu, senhor. Que curioso, que curioso e que coincidência.

Martin - Que curioso, que estranho, que coincidência. Então talvez nos tenhamos conhecido nesse momento, minha senhora.

Martin - Que curioso! Que coincidência! Isso é muito possível, caro senhor! No entanto não me recordo.

Martin - Eu também, não, cara senhora.(Silêncio) Desde que cheguei a Curitiba estou a morar na Praça Osório, cara senhora.

Martin - Que curioso! que estranho! Também eu, desde que cheguei a Curitiba, estou a morar na Praça Osório, caro senhor.

Martin - Que curioso, mas então talvez nos encontramos na Praça Osório, cara senhora.

Martin - Que curioso! Que estranho! Isso é muito possível, afinal de contas! Mas não me lembro, caro senhor.

Martin - Estou instalado no nº 19, cara senhora.

Martin - Que curioso, eu também estou instalada no nº 19. caro senhor.

Martin - Mas então, mas então, mas então, nós devemo-nos ter visto nessa casa cara senhora.

Martin - Isso é possível, mas não me lembro, caro senhor.

Martin - A minha casa é no 5º andar, nº 8, cara senhora.

Martin - Que curioso, meu Deus, que estranho! E que coincidência! Também moro no 5º andar, apartamento 8, caro senhor.

Martin - Que curioso, que curioso, que curioso e que coincidência! A senhora sabe, no meu quarto de dormir tenho uma cama. Está coberta com um édredon verde. Este quarto com esta cama e esse édredon verde encontra-se no fun o do corredor entre o banheiro e a biblioteca, cara senhora.

Martin - Que coincidência, meu Deus, que coincidência! O meu quarto de dormir tem também uma cama com um édredon verde e encontra-se no fundo do corredor entre a casa de banho, caro senhor, e a biblioteca!

Martin - Que estranho, extravagante, curioso! Então, minha senhora, nós habita mos o mesmo quarto e dormimos na mesma cama, cara senhora. Foi talvez lá que nos encontramos.

Martin - Que Curioso e que coincidência! É bem possível que nos tenhamos encon trado lá, talvez mesmo a noite passada, mas não me lembro, caro senhor.

Martin - Eu tenho uma filhinha. Minha filhinha mora comigo, cara senhora, tem dois anos, é loura, tem um olho branco e outro vermelho. É muito bonita e chama-se Alice.

Martin - Que estranha coincidência! Eu também tenho uma filhinha de dois anos com um olho branco e outro vermelho. É muito bonita e se chama Alice, caro senhor.

Martin - Que curioso, que estranho e que coincidência! Talvez seja a mesma, cara senhora.

Martin - Que curioso, isso é muito possível, caro senhor.

Martin - Então, cara senhora, creio que não há dúvida, nós já nos vimos e a senhora é a minha esposa... Elizabeth, finalmente a encontrei.

Martin - Donald, és tú, darling!

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

VAI VIM

S. BECKETT - PARA JOSÉ CELSO

(TRAD. GÊNIO PISOLI)

Personagens: FLO, VI, RU; idades indeterminadas. No centro, lado [illegible] direita para a esquerda, Flo, Vi, e Ru. Bretas, de frente para a sala, [illegible] o joelho. Silêncio.

FLO - Ru

RU - Sim

VI - Flo

FLO - Sim

VI - Quando foi que nós 3 nos encontramos a última vez?

RU - Quieta!

Silêncio. Vi sai a direita. Silêncio.

FLO - Ru

RU - Sim

FLO - [illegible] Vi, o que você acha dela?

RU - Veja porque [illegible] (Flo vai para o centro, cochicha para Ru) [illegible] (entreolham-se. Flo põe os dedos sobre os lábio) - Mas ela [illegible]?

FLO - Deus queira que não!

Entra Vi. Flo e Ru voltam-se para a sala, retomando a pose. Vi senta a direita. Silêncio.

FLO - Assim, lado a lado, sentávamos sempre no internato.

RU - No jardim.....

VI - Sol.....

Silêncio. Sai Flo à esquerda. Silêncio

RU - Vi

VI - Sim

RU - Que impressão você tem da Flo?

VI - Me parece a mesma (Ru vai para o centro. Cochicha para Vi) [illegible] (entreolham-se. Flo põe o dedo sobre os lábio) - Ninguém disse nada a [illegible]

RU - Tomara Deus que não!

Entra Flo. Vi e Ru voltam-se para a sala. Flo senta-se no lugar de Ru. Silêncio.

RU - [illegible] os pães... [illegible].

FLO - [illegible]... com amor.

Silêncio. Ru sai à direita. Silêncio.

VI - [illegible]

FLO - Sim

VI - Você [illegible] [illegible] a Ru?

FLO - Vê-se pouco neste luz(Vi vai para o centro.Cochicha para Flo)Nossa!
(entreolham-se.Vi coloca o dedo sobre os lábios)-E ela sabe?
Vi - Deus não permita!
Entra Ru. Vi e Flo voltam-se.Ru senta-se à direita.Silêncio.
RU - Não podemos falar dos velhos tempos?(silêncio)Do que veio depois?
(silêncio)-Se nós dêssemos a mão? Como fazíamos?
Depois de um momento elas dão-se as mãos:A direita de Vi e /a direita de Ru sobre os joelhos de Ru.A esquerda de Vi com a esquerda de Flo sobre os joelhos de Flo.A direita de Flo com a esquerda de Ru sobre o joelho de Vi.Os braços de Vi repousam sobre o braço esquerdo de Ru o braço direito de Flo.Silêncio.
FLO - RU (silêncio) Vi(silêncio)-Posso sentir os anéis.
SILÊNCIO

CENA A QUATRO:

Silva: Não...
Souza: Sim...
Silva: Não...
Souza: Sim...
Silva: Não...
Souza: Sim...
Silva: POis eu digo que não... Cuidado com os vasos de flor!
Souza: Pois eu digo que sim... Cuidado com os vasos de flor!
Silva: Se eu digo que é não, é porque é não.
Souza: E se eu digo que sim, por que é sim.
Silva: Pode repetir quanto queira que é sim. É não, não e não. Trinta e duas vezes não!
Souza: Silva! cuidado com os vasos de flor!
Silva: Souza! Cuidado com os vasos de flor!
Souza: Como você é teimoso, puxa! É incrícel como pode ser tão teimoso!
Silva: Não sou eu. É você que é teimoso, teimoso, teimoso, teimoso...
Souza: Você não sabe nada! por que diz que eu sou teimoso? Cuidado com os vasos de flor! Eu não sou nada teimoso, pronto!
Silva: E você ainda quer saber porque é teimoso? Puxa! Você está me enchendo sabe disso?
Souza: Não sei se te encho ou não. Talvez te encha. Mas o que eu queria sabe é por que é que hei de ser teimoso! Por que prá começar eu não sou nada teimoso...
Silva: Não é teimoso, heim? Não é teimoso quando recusa, quando nega, quando se opõe, quando, numa palavra, continua a teimar apesar de todas a provas que te dou...
Souza: Provas não valem nada, aí está, suas provas não me convencem! É você que é teimoso. Eu naõ sou teimoso.
Silva: Pois eu acho que você é teimoso
Souza: pois eu acho que você é teimoso. Não sou,.
Silva: É.
Souza: Não sou.
Silva: É.
Souza: Não sou.
Silva: É.
Souza: Não, eu não acho.
Silva: Pois eu acho.
Souza: Já te disse que eu não sou.
Silva: Pois eu repito que é.
Souza: Pode repetir quanto queira. Eu digo que não, não e NÃO!
Silva: Você é teimoso. Você bem vê que é teimoso.
Souza: Você inverte os papéis, meu caro. Não derrube os vasos de flor. Você inverte os papéis. Se estivesse de boa fé, deveria perceber perfeitamente que o teimoso é você.

Silva: E por que eu havia de ser o teimoso? Não se é teimoso? Não se é teimoso, quando se está com a razão. E como você já deve ter percebido, eu estou com a razão, pois é, estou coma razão, apenas isso.

Souza: Você não pode estar coma razão porque quem está com a razão sou eu.

Silva: Desculpe, sou eu.

Souza: Não, sou eu.

Silva: Não, sou eu.

Souza: Não, sou eu.

Silva: Não sou eu.

Souza: Não, sou eu.

Silva: não.

Souza: Não.

Silva: Não.

Souza: Não.

Silva: Não.

Souza: Não.

Silva: Não.

Souza: Não! Cuidado com os vasos de flor.

Silva: Cuidado com os vasos de flor.

Santos: (entrando) Enfim! ei-los de acordo pela primeira vez.

Silva: Ah! não! nunca, jamais, em tempo algum! Não concordo com ele de jeito nenhum! (mostra Souza)

Souza: (Souza mostrando Silva) Também eu não concordo com ele, de jeito nenhum!

Silva: Ele nega a verdade.

Souza: É ele que nega a verdade.

Silva: É ele.

Souza: É ele.

Santos: Não sejam bobos. E cuidado com os vasos de flor. Não é indispensável que as personagens de teatro sejam mais burras do que as da vida real

Souza: Procuramos fazer o possível...

Silva: (A Santos) E para princípio de conversa você me irrita com esse seu charutão!

Santos: E voces pensam que não são, por acaso, irritantes- voces dois virando assim à volta, sem parar, como dois perus, com as mãos atrás das costas e sem querer fazer a menor concessão um ao outro? Voces me dão tonturas e vão acabar mais é derrubando os vasos de flor!

Souza: Pois bem: daqui a pouco voce vai me fazer vomitar com essa fumaceira horrivel! que idéia! fumar o dia todo como uma chaminé!

Santos: Nem só as chaminés fumam, ora.

Silva: (A Santos) Voce fuma como uma chaminé entupida.

Santos: (A Silva) Que comparação mais idiota! Você mostra não ter a menor imaginação.

Souza: (A Santos) Mas é sabido que o Silva não tem imaginação. Aliás, você também não tem.

Silva: (A Souza) Nem você, meu caro Souza.

Santos:: (A Silva) Nem você, meu caro Silva.

Silva: (A Santos) Nem você, meu caro Santos.

Souza: (A Silva) Nem você, meu caro Silva. E não me chame de meu caro Souza, que eu não sou seu caro Souza.

Silva: (A Souza) Nem você, meu caro Souza, tem um pingo de imaginação! E não me chame de meu caro Silva, que eu não sou seu caro Silva.

Santos: (Aos outro dois) E voces também não me chamem de meu caro Santos que eu não sou vosso caro Santos.

Silva: (Aos outros dois) E não me chamem de caro Silva que eu não sou vosso caro Silva.

Souza: (Aos outros dois) e a mim também não me chamem de vosso caro Souza que eu não sou vosso caro Souza, coisissima nenhuma!

Santos: E, antes de mais nada, eu não os posso incomodar com o meu charutão, pelo simples fato que eu não fumo um charutão. Deixem-me porém dizer meus caros enhores, que exageram. Exageram! Não tenho nada que ver com suas histórias. Logo posso julgá-los ojetivamente.

Souza: Pois então julgue.

Silva: Julgue então. Apresse-se, vamos.

Santos: Permitam-me que vos diga, com a maior liberdade, que não é assim que hão de chegar a um resultado concreto. Ponham-se de acordo pelo menos sobre um ponto, consigam pelo menos uma base sobre qual discutir dialogar!

Souza: (A Santos) Em tais condições, não há possibilidade de dialogar com este senhor (Mostra Silva) As condições por ele propostas são inadmissiveis.

Silva: (A Santos) Não desejo chegar ao que quer que seja a qualquer preço. A condições desse senhor (Mostra o Souza) é que são desairosas.

Souza: Que audácia! Pretender que as minhas condições são desairosas! É o cúmulo!

Santos: (Ao Silva) Dixe-o explicar-se.

Silva: (Ao Souza) Explique-se, ande!

Santos Cuidado com os vasos de flor!

Souza: Explico-me: Não sei se querem realmente me ouvir, não sei se querem realmente me compreender mas compreendam-me: para que a gente se compreenda, é preciso que se entenda reciprocamente, e isso é, justamente, o que este senhor não quer compreender, que a incompreensão do senhor Silva é proverbial.

Silva: (Ao Souza) O senhor ousa dizer de minha proverbial incompreensão quando é a sua imcompreensão que é proverbial. foi o senhor que sempre se negou a me compreender.

Souza: (Ao Silva) Não! Mas isto é demais! A sua ma fé é espantosa. Um nenezinho de tres meses de idade poderia compreender, caso se tratasse de um nene de boa fé, é claro.

Silva: (Ao Santos) você ouviu bem, não ouviu? Você o ouviu...

Souza: (Ao silva) Não, mas isso é demais! E você que não quer compreender.

Silva: (Ao Santos) Ouviu só o que ele ousa insinuar?

Santos: Senhore! Meus amigos! Que é isso! Não percamos tempo à toa! Com fran

quezas! Vocês falam à toa para não dizer nada.

Silva: (A Santos) Como? Então eu falo à toa, para não dizer nada?

Souza: (A SAntos) Como? ousa, então dizer que eu falo à toa para não dizer nada?

Santos: Desculpem, não foi exatamente isso que eu quis dizer: que voces falam à toa, para não dizer nada! Não, não, não é bem isso.

Silva: (A Santos) Como ousa dizer que falamos à toa, para não dizer nada? Quando, precisamente, você mesmo acaba de dizer que falamos à toa para não dizer nada, sabendo eprfeitamente que é impossível falar para não dizer nada desde que cada vez que se diz qualquer coisa, falamos, reciprocamente e, cada vez que falamos dizemos alguma coisa.

Santos: (A Silva) Admitamos que eu possa ter dito que eu disse que voces falam à toa para não dizer nada. Isso não quer dizer que voces falam sempre à toa e para não dizer nada. Acontece porém que às vezes, diz-se mais calando do que falando, como também pode-se dizer nada, falando, como também pode-se dizer nada, falando demais, aí está! Depende do momento e da pessoa. Mas, em suma: que é que voces dois estão dizendo há tanto tempo? Nada, absolutamente nada! Não há quem não possa afirmar.

Souza: (Interrompendo-o) É o Silva que fala à toa para não dizer nada. Eu não.

Silva: (Ao Souza) É você.

Souza: (Ao silva) É você

Santos: (aos dois) São vocês.

Souza e Silva: (Ao Santos) É você.

Santos: Não, não sou, não senhores.

Silva é sim senhor.

Souza: (Aos outros dois) Voces falam à toa, para não dizer nada.

Silva: Então eu falo à toa para não dizer nada?

Santos e Souza: (Ao Silva): Sim, senhor perfeitamente, você fala à toa para não dizer nada.

Souza e Silva: (ao Santos) É você que fla á toa para não dizer nada.

Santos: (aos outros dois) São vocês que falam à toa para não dizer nada.

Souza: (aos outros dois) São vocês que falam à toa para não dizer nada .

Silva: (Aos outros dois) São vocês que falam à toa para não dizer nada.

Santos: (ao Silva) É você.

Silva: (ao Santos) É você.

Souza: (Ao Silva) É você.

Silva: (Ao Souza) É você.

Santos: (aos outros dois) São vocês.

Souza: (Aos outros dois) São Vocês.

Silva: (Aos outros dois) São vocês.

(É JUSTAMENTE NESSA ALTURA QUE ENTRA A BELA DAMA)

Bela Dama: Bom dia, senhores. Cuidado com os vasos de flor. (Os três param bruscamente voltando-se para ela) Por que brigam assim à toa? (Fricoteira) Ah, meus caros amiguinhos!

Silva: Ah! Cara amiga! até que enfim chegaste. És tú que vais nos tirar deste mau passo.

Souza: Ah! Cara amiga! Verás em que ponto a má fé...

Santos: (Interrompendo-o) AH! Cara amiga! aproxima-te um pouco que eu te porsa por a par dos acontecimentos.

Silva: (Aos dois outros homens) Sou eu que vai por esta senhora a par dos acontecimentos, pois que esta encatadora criatura é minha noiva (A Bela Dama mantém-se firme e"sorrisosa")

Souza: (Aos outros dois homens) Esta encantadora criatura é minha noiva.

Santos: (Aos outros dois homens) Esta encantadora criatura é minha noiva.

Silva: (A Belá Dama) Diz, querida a estes senhores que és minha noiva.

Santos: (Ao Silva) Engana-se, é minha noiva.

Souza: (A dama) diz, querida, a estes senhores que és de fato...

Silva: (Interrompendo-o) Engana-se, ela é minha...

Santos: (A Silva) Engana-se, é a minha...

Silva: (A Dama) Querida...

Santos (A Souza) Engana-se, é a minha...

Souza: (A dama) querida...

Silva : (A Santos) Engana-se, ela é a minha...

Santos: (A Dama) Diz, querida, que...

Souza: (A Silva) Engana-se, é a minha...

Silva: (A Bela Dama puxando-a violentamente pelo braço) Ah! Querida.(A Bela Dama perde um sapato)

Souza: (Puxando-a violentamente pelo outro braço) Permite, bem, que eu te beije! (A Dama perde outro sapato, enquanto uma luva fica nas mãos do Silva, Santos, que fôra buscar um dos vasos de flor, fazendo a Dama virar para o seu lado)

Santos: Aceita este ramalhetes de "BUQUERQUES" (Coloca as flores nos braços da Dama)

Dama: Oh! Obrigadinha!

Silva: (Vira a Dama para os seu lado e, colocando outras flores nos seu braços) Toma estas lindas flores. (Empurrada, a Dama perde o chapéu)

Dama: Obrigadinha! Obrigadinha!

Souza: (Fazendo como os outros) Estas flores são tuas, como é teu meu coração!

Dama: Encantada! Encantada! (Tem os braços cheios de flores deixando porém cair a bolsa)

Santos: (Agarrando violentamente e urrando) Beije-me! Beije-me!

Silva: (Idem) Beija-me!

Souza: (Idem) Beija-me!

(E O BRINQUEDO CONTINUA POR ALGUM TEMPO: A DAMA DEIXA CAIR AS FLORES. A SUA SAIA SE DESABOTOA; SUAS ROUPAS SÃO AMARFANHADAS; PUXA-SE E REPUXA-SE A DAMA QUE PASSA; ALTERNADAMENTE; DOS BRAÇOS DE UNS AOS OUTROS VIRANDO SEMPRE A VOLTA DA MESA)

Dama: Mardra! Me larguem!
Silva: (ao Santos) largue já dela, vamos!
Santos:(Ao Silva) Largue já dela, vamos!
Silva: (Ao Souza) Largue já dela, vamos!
Souza: (Ao silva) largue já dela, vamos!
Cada um dos homens aos dois outros: É a você que ela está pedindo que largue, então não vês?
Dama: (Aos três) Me larguem, seus desgraçados!
OS TRÊS AO MESMO TEMPO ESPANTADÍSSIMOS: Desgraçado! Quem? Eu?
(IMOBILIDADE GERAL. A DAMA DESCABELADA, DESABOTOADA, SEM FÔLEGO, SEMI-NUA, DIRIGE-SE AO PÚBLICO. NA CONFUSÃO ARRANCARAM-LHE TAMBÉM UM DOS BRAÇOS, O OUTRO BRAÇO, UMA PERNA)
DAMA: Senhores e Senhoras, de acordo! Absolutamente de acordo convosco. Isto tudo não passa, de fato, de uma enorme besteira!
Mardra, pr'ocês.

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

(Ao som da música e montada a cena. Entra Gorducho e Tadpill)

GORDUCHO: São tres e um pé de mais ou meia no meu relógio Ivanise e, pessoal não cometeu nenhum crime greve.
Que tal se a gente resolvesse isso aqui e agora sem ter que recorrer ao Sindicapto e ter que resolver tudo aquilo sobre o seu pai?

TADPILL: Ora seu Gorducho de merda! Porque é que você não carra essa boca de bosta. Antes que eu lhe enfie o pé na cara. Voces todos sempre os mesmos burgueses gordinhos, enquanto nós, companheiros e companheiras pobres operários, trabalhando até a morte, passando a mão na granda e indo passar os inferiados em Caiobá.

Gorducho: Mas ouça Tadpill, voces estão trabalhando tres dias na semana, e duas horas por dia. Nós estamos perdendo dinheiro nesse negócio. Eu estou querendo ajudar voces e aí estão voces reclamando sobre o arrocho a verde e avermelho... Eu não aguento mais!
Nós devíamos ter construido a nossa fábrica num outro lugar,onde as pessoas gostassem de trabalhar. Mas aqui nós somos financiados pelo governo e temos todas as regalias... e outras coisas mais

TADPILL: Ora seu Gorducho de Merda! Porque é que voce não carra essa boca de bosta. Antes que eu lhe enfie o pé na cara. Voces todos sempre os mesmos burgueses gordinhos, enquanto nós. companheiros e companheiras pobres operários, trabalhando até amorte, passando a mão na granda e indo passar os inferiados em Caiobá.

MÃE JOANA: (Entra cantando e despeja a trouxa em cima da escrivaninha)

GOORDUCHO: Qué que foi mamãe, não tá vendo que eu tô resolvendo um traublema com Tadpill? E você me entra aqui toda preta, gorda e cantando? E vai logo tirando essa trouxa horrivel de cima da minha escrivaninha.

MÃE JOANA: O.K. Kimu Sahib Buana! Massa! (Tira a trouxa de cima e a come) Ôcoisaboa! (Lambe os beiços)

GORDUCHO: Mas o que foi isso Mãe Joana?

MÃE JOANA: Ora Kimu Sahib, é vosso fio de vossuncê do seu segundo casamento com sua segunda muié.

GORDUCHO: Mas eu não sou casado, Mãe Joana!

MÃE JOANA: Ai, meu Deus! Acabo de comer um bastardo!...

(Mãe Joana sai correndo querendo vomitar e os outros dois vão atrás. Ela se vira querendo trazer o bastardo de volta em cima de Gorducho e Tadpill.Os dois saem correndo)

TADPILL: Ora tirem esta negra desta fábrica antes que alguém descubra, que vossuncês vão ter uma bruta greve nestas mãos gordas, burguês de vossuncês

(Enquanto Mãe Joana e Tadpill estão brigando através de seus "santos"...)

GORDUCHO: Eu te liberto em nome da graça. Salve, Aleluia, Salve!
E pode passar a sacolinha...

(grande silencio. Os Noivos estão desolados)

A NOIVA - Eles já foram embora.

O NOIVO - Graças a Deus

A NOIVA - Amanhã a cidade inteira vai ficar falando de mim. Todas as mulheres vão estar apontando para mim.

O NOIVO - Todo mundo vai falar dos móveis que quebraram logo no primeiro dia de casamento.

A NOIVA - E eu que escondi tanto tempo porque justamente hoje eles tinham que descobrir ? Por que ?

O nOIVO - Vão falar do vern iz, da cola, dos pés do sofá que eram muito finos.

A NOIVA - Que vergonha. Eu nem vou poder entrar na Igreja. Todos vão falar da noiva que casou grávida.

O NOIVO - É sempre assim. Quando as pessoas não sabem ou nçao tem coragem de fazer alguma coisa que a gente tem a coragem de fazer, elas se vingam na gente. Principalmente quando elas sabem que aquilo que eles não fizeram é bom ...

A NOIVA - Você disse bom ?

O NOIVO - Disse. Os móveis eram bons.

A NOIVA - Muito bons mesmo. Olha aí seus móveis. Eram tão bons que aguentaram tudo. Olha só... Vão durar muito mais que a senhora e todos nós, não é ? E duraram até hoje. Agora é um monte de lixo que está aí no chão. Um monte de lenha, um monte de merda...

O NOIVO - Eles não estariam assim se não fossem seus convidados e sua família.

A NOIVA - Meus convidados ? Minha família ?

O NOIVO - É isso mesmo. Seu pai, sua irmã sua madrinha.

A NOIVA - E porque você não fez móveis de gente ? Se eles fossem bons não estariam assim.

O NOIVO - E por que você não convidou gente para a festa ? A culpa disso tudo é sua.

A NOIVA - Minha ? A culpa toda é sua ! Você é o culpado porque a festa não deu certo. Você estragou nossa festa de casamento.

O NoIVO - Nossa ? Você é que quis dar esta festa !

A NOIVA - Eu ? Você [illegible] mostrar para todo mundo como sabe mexer bem com as mãos, mostrar os móveis que o próprio noiva fez. Você é o culpado de tudo !

O NOIVO - Se não fosse sua madrinha com aquela banda quebrando tudo...

A NOIVA - E por que você não botou ela pra fora ? por que ?

O NOIVO - Ela era sua convidada.

A NOIVA - Cadê o homem desta casa ? Porque você não tirou ela daqui ? Eu é que tive de fazer tudo, né ? Cadê o homem desta casa? Cadê?

O NOIVO - Você sabe muito bem onde está. (passa a mão na barriga da Noiva)

A NOIVA - Claro, pra isso você serve. Mas na hora do vamos ver, quem é que teve de fazer alguma coisa, hem ? Quem ? Você é o culpado !

O NOIVO - Você é a culpada !

A NOIVA - Por que você tem sempre quê falar mais alto do que eu? Você é o culpado!

O NOIVO - Você é a culpada !

A NOIVA - Por que você tem sempre que falar mais alto do que eu? Você é o culpado !

(silencio)

O NOIVO - Já vamos ter que economizar desde já.

A NOIVA - Que que você quer dizer com isso?

O NOIVO - Nós não temos mais dinheiro.

A NOIVA - Como? Você falou que tinha!

O NOIVO - É mas esse negócio da festa, vinho e tudo...

A NOIVA - E agora, Jacob? E agora, Jacob? E agora?

(silencio)

Jacob! Eu tenho! Eu tenho, Jacob!

O NOIVO - Tem o que, Maria?

A NOIVA - Eu tenho, Jacob!

O NOIVO - Dinheiro? Onde?

A NOIVA - Eu economizei durante uns tempos. Era a surpresa, Jacob, eu tenho. A gente não vai ter de economizar.

A NOIVA - Pega, então, Maria, pega.

A NOIVA - (Pega o cofrinho, espatifa no chão. Não tem quase nada dentro. Silêncio)
Jacob, Porque você deixou eles fazerem isso? Por que? Hem, Jacob? Por que voce não fez nada?

O NOIVO - Eu iria estragar tudo...

A NOIVA - Estragar a festa, Jacob? Eles destruiram tudo... Tudo e você não fez nada. Eles destruiram tudo... Tudo... Você não fez nada. (silencio) Por que você não fez nada? Por que?

O NOIVO - Eles eram muitos.

A NOIVA - Mas você podia ter tentado, Jacob. Agora não tem mais nada. Olha só. Não sobrou [illegible]. Você [illegible] [illegible], [illegible] Jacob? Por que Jacob? Pro que ?

O NOIVO - Eu só iria aumentar a violência.
(silêncio)

A NOIVA - Não existe mais nada. Agora não existe mais nada. Eles destruíram tudo não sobrou nada. Nada. Nada. Nada. A não ser lixo. Está tudo morto.
(Apanha um punhal e tenta o suicídio. Jacob percebe o tempo e arranca o punhal, se beijam)
(Silêncio) Jacob. Eu estou com muita fome. Me dá um pedaço de bolo.

O NOIVO - Espera aí que eu vou pegar. (Pega uns restos de bolo no chão e esfrega na cara dela) (Começam a rir)

A NOIVA - Me dá mais um pedaço, Jacob.

O NOIVO - Toma mais um.

A NOIVA - Ah! Ah! Eu quero vinho! Vinho!

O NOIVO - (espreme a toalha que está encharcada de vinho) Quer vinho?

A NOIVA - Hum, que delícia, amanhã todos vão comentar da grande festa de casamento ! A Noiva toda pura de barriga cheia !

O NOIVO - A cidade inteira vai estar falando.

A NOIVA - O próximo casamento vai ser da Ina, vestida de branco também de barriga cheia e sua mãe vai trazer o bacalhau. "Aqui está o bacalhau! "Viva o noivo!" Viva! Viva a Noiva ! Viva o Noivo!

O NOIVO - Quer mais vinho ?

A NOIVA - Joga. joga! Me pega, me abraça, me come, me mata ! Até parece Ina no meio daqueles homens e daquela puta !

O NOIVO - E seu pai vai contando aquelas histórias... Seu tio cantava no coro da Igreja ! Oh! Oh! Oh! E aí eu enfiei um pinto na boca ! Um pinto na boca !

A NOIVA - Oh! Oh! Oh! Querido, você ouviu só ? Você um perfeito marasmo !

O NOIVO - Ele ficou tarado pela Ina e com aquela mulherona do lado ! Você viu só que bunda !

A NOIVA - Aquela vaca no cio ! Eu quero homem! Ai, eu quero mais mais !!

O NOIVO - E ela com aquela bundona arrebentou tudo !

A NOIVA - Oh! (Cai como a Madrinha) Ai! Eu quero dançar! Um tango ! Um tango, meu amor ! Ra ra ra ra! (dançam) Ui, Jacob, me aperta mais, mais querido !

O NOIVO - Você está maravilhosa, hum !

A NOIVA - Me aperta mais, mais! E seu amigo ficou durinho!

O NOIVO - Você bem que gostou, não?

A NOIVA - Clara, era o único homem da festa !

O NOIVO - Hoje vão se unir pela primeira vez!

A NOIVA - Os móveis vão durar?

O NOIVO - Claro, muito mais do que a senhora e todos nós !

A NOIVA - E duraram querido, veja como duraram ... Demorou nove meses para serem feitos. E como são fortes, não querido? Vamos fazer uma fogueira ? Vem! Bota fogo em tudo! Me queima também! Eu sou Joana D'Arc ! Me queima ! Me queima! (Rolam pelo chão até pararem de rir. Silêncio)

O NOIVO - Maria

A NOIVA - Hum ?

O NOIVO - Você sabe por que ainda a gente está aqui? (Silêncio)

A NOIVA - (ri baixinho)

O NOIVO - Você sabe por que apesar de tudo ainda estamos vivos

A NOIVA - Eu sei, Jacob. (silêncio) É o amor.
O NOIVO - O amor, Maria. O Nosso amor venceu.
A NOIVA - O amor tudo vence!
O NOIVO - Só o amor constrói!
A NOIVA - A lei mais antiga vence!
O NOIVO - A lei mais antiga do mundo é o amor!
A NOIVA - Para o amor não há barreiras!
O NOIVO - O homem é bom e o mundo nunca será mudado pela violência!
A NOIVA - Eu te amo! Eu te amo!
O NOIVO - Eu te amo, meu sol, meu universo, minha utopia!
A NOIVA - Minha vida! Meu tesouro!
- - (Duendes e Fadas exaltam o Amor)

(um beijo de"grand-finale"
UMA VÓZ - 15 de janeiro de 1919. Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht foram mortos em tiroteio contra a polícia no Zoo de Berlim. Agora o país está na mais perfeita ordem. O caos acabou.
O NOIVO - Vamos, querida. (Tenta carregá-la no colo) Enfim sós!
A NOIVA - Você não vai aguentar!
(Caem no chão, começam a rir)
O NOIVO - Vamos ver quem chega primeiro...
A NOIVA - Me espera, querido, me espera...
O NOIVO - Corre!
A NOIVA - E a cama?
O NOIVO - Que tem a cama?
A NOIVA - A cama não vai aguentar! A cama não vai aguentar!
O NOIVO - Não faz mal. Não faz mal! Não faz mal! Não faz mal! Não faz mal!
A NOIVA - Não faz mal! Não faz mal! Não faz mal! Não faz mal!
(saem correndo. A cena fica escura. A cama se arrebenta).

FIM

AVISO AO PÚBLICO:

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda verdade,
porque a meia pessoa que entrava trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil e,
os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta.
Derrubaram a porta.
Chegaram a um lugar luminoso onde,
a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nebhuma das duas era totalmente bela,
e carecia optar.
Cada um optou:
conforme seu capricho,
sua ilusão,
sua miopia.